

JAIME CORTESÃO, um professor de democracia

Vítor Ramos

Jaime Cortesão, poeta, historiador, democrata — diga-se antes professor de Democracia. Seja-me permitido, agora que esta grande voz se calou para sempre, cingir-me a este aspecto da sua personalidade para falar do muito que lhe deve o *Portugal Democrático*, como conselheiro — que nos dizia não àquilo que queríamos ouvir, mas o que a razão e a sabedoria mandavam — e como inspirador — cujo exemplo procurávamos seguir de longe.

Quando em 1956 se fundou este jornal e Jaime Cortesão surgiu, na ordem natural das coisas, como o primeiro nome a convidar, fui incumbido de solicitar a sua colaboração. A conversa que então tivemos, lá na sua casa da Rua Paissandu, cheia de recordações portuguesas, foi para mim uma lição, não só de fé na Democracia e de confiança no futuro da liberdade do nosso país, como também de humildade intelectual e de dignidade humana.

O *Portugal Democrático* dessa época era uma folha bisonha e incipiente, cuja modéstia desanimava e afastava muitos dos democratas que então procurávamos. Com Jaime Cortesão aconteceu exatamente o contrário: a pobreza do jornalzinho (como carinhosamente lhe chamava) não foi motivo de repúdio mas antes razão de mais para, como professor de Democracia, manifestar confiança nos esforços dos discípulos e estimular a nova geração da emigração portuguesa no Brasil a segurar o facho da resistência democrática que ele tão alto colocara. Os seus incitamentos, os seus conselhos, a caução do seu nome, foram um passo decisivo e inesquecível no período de consolidação deste órgão.

Mais tarde, quando o encontrei novamente para lhe pedir que viesse a São Paulo presidir às comemorações do aniversário da República Portuguesa, que o *Portugal Democrático* se encarregara de organizar, a sua aceitação foi igualmente pronta e sem reservas. E não tendo podido vir por motivos de saúde (essa saúde frágil que dava ainda maior valor à sua coragem) enviou-nos uma mensa-

gem exaltante, que tive a honra de ler aos portugueses reunidos no 5 de outubro de 1956.

Desde então, nunca faltou a este jornal a sua palavra, o seu carinho benevolente, sempre receoso, por nós, quando pensava que o entusiasmo que nos impelia poderia ir mais longe do que nos permitia a condição de portugueses acolhidos à sombra da democracia brasileira. Porque este mestre de Democracia, como principal artesão da estruturação das relações luso-brasileiras numa base de mútuo respeito, era um estrito defensor das leis democráticas do país que lhe abrira os braços e ao qual dera o melhor da sua cultura, do seu saber e da sua confiança.

A força de ânimo, a coragem física e moral, a dignidade e a juventude deste septuagenário foram pois sempre, para todos quantos trabalham neste jornal, um modelo e um incentivo.

Quando o vi pela última vez, depois de lhe ter sido concedida, pela Câmara Municipal, a cidadania honorária de São Paulo, não posso esquecer o tom firme com que respondeu à minha pergunta sobre o que iria fazer em Portugal: "Mas que posso eu fazer se não lutar pela libertação do nosso povo?"

Que a sua vida ia continuar a dar-nos um exemplo de luta, prova-o a intrepidez com que suportou a prisão iníqua a que o submeteu após o regresso à Pátria, essoutro septuagenário que, porém, nunca foi jovem, esse valetudinário de espírito rancoroso e mesquinho que dirige os destinos do nosso país. Prova-o, mesmo, a amargura do seu fim, que ocorre precisamente na altura em que um amontoado de leviandades, de faltas de dignidade, de desrespeito à luta do povo português pela sua libertação vêm comprometer as relações luso-brasileiras, tão caras a Jaime Cortesão, minando a sua nunca desmentida confiança na democracia deste lado do Atlântico, e ferindo de morte o seu coração digno.

Texto transcrito do jornal *Portugal Democrático*, número 40 (de setembro de 1960, pág. 1 e 2), que registra o falecimento de Jaime Cortesão.

A transcrição foi gentilmente autorizada pela viúva do escritor, Dulce Helena Ramos, a quem muito agradecemos.